

O paradigma Feminino na Sociedade Contemporânea: Entre a Autodeterminação do “ser” e as pressões do Relacionamento Heterossexual Normativo

Maria Gabriele de Almeida Duarte

Resumo: O presente artigo parte da necessidade de debater sobre as formas do amor, especialmente em como essas formas, como o amor romântico, contribuem diretamente na formação do patriarcado. Assim, o objetivo se encontra em abordar sobre essas formas de amor e fazer entender mais desse tema. Mas para além disso, o artigo ainda tem como objetivo investigar como a mídia representou a imagem da mulher submissa, essa que obedece ao seu marido e de que forma, com o passar dos anos, a mulher foi representada. Assim, isso também parte da necessidade de explorar mais sobre esses estereótipos e de investigar a imagem da mulher estereotipada e propagada pela mídia, a exemplo do “Jornal das moças”, discutido aqui, jornal esse com publicações entre os anos de 1950 – 1960. Através de uma metodologia que tem como abordagem a análise teórica, a discussão a que se propõe este trabalho ainda se conecta com as teorias feministas, no sentido de abordar sobre as formas de amor e entender sobre os papéis que são impostos às mulheres.

Palavras-chave: Amor romântico. Mulher. Mídia.

Abstract: This article starts from the need to debate the forms of love, especially how these forms, such as romantic love, directly contribute to the formation of patriarchy. Thus, the objective is to address these forms of love and make this topic more understandable. But beyond that, the article also aims to investigate how the media represented the image of the submissive woman, the one who obeys her husband and how, over the years, the woman was represented. Thus, this also comes from the need to explore more about these stereotypes and to investigate the image of women stereotyped and propagated by the media, such as the “Jornal das Moças”, discussed here, a newspaper with publications between the years 1950 – 1960. Through a methodology that uses theoretical analysis as its approach, the discussion proposed by this work is still connected with feminist theories, in order to address the forms of love and understand the roles that are imposed on women.

Keywords: Romantic love. Woman. Media.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo tratar da construção social da feminilidade, da submissão feminina e do papel do amor romântico na perpetuação dessas ideias. Esse tema demonstra sua importância, tendo em vista a relevância do assunto numa sociedade patriarcal. Assim, o artigo busca centrar-se numa análise a respeito do gênero feminino e na perpetuação dessas ideias. Dessa forma, este artigo pretende discutir como a cultura patriarcal reforça essas expectativas. As mulheres ainda acabam por aceitar a posição de submissão devido a esse reforço de padrões que a mídia propaga. Isso faz com que a mulher não perceba que a dependência emocional é um problema e que a submissão também o é; assim, muitas não questionam sua posição.

Dessa forma, o amor romântico, especialmente pela mídia, reforça esses estereótipos. A importância desse tema reside em perceber a mulher como um ser impactado por essa idealização do amor romântico. Compreender a mulher e sua submissão é fundamental para entender mais sobre os papéis de gênero e sua situação no mundo atual.

O texto também é relevante por debater temas como dependência emocional, submissão e o papel da mídia. Ainda, a importância de um estudo como este reside em explorar as formas que o patriarcado encontra para manter a mulher submissa.

Portanto, o presente artigo terá como objetivo debater esses assuntos a partir de uma revisão de literatura com autoras importantes que tratam do assunto, como Simone de Beauvoir e Marcela Lagarde. O texto está estruturado em duas partes principais: a contextualização histórica do tema e o debate sobre a influência da mídia.

METODOLOGIA

Este artigo utiliza uma metodologia de análise teórica, baseada em uma revisão de literatura com importantes autores que debatem o tema do amor romântico. Dessa forma, o artigo fundamenta-se nas contribuições teóricas de Simone de Beauvoir e Marcela Lagarde, por exemplo, além de incluir uma análise histórica do assunto, complementando essa revisão de literatura. Além disso, realiza-se uma análise direta de arquivos de revistas, como “O Jornal das Moças”, com publicações das décadas de 1950 a 1960.

Foi feita, assim, uma análise crítica que se conecta às teorias feministas contemporâneas e aborda aspectos importantes sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade por imposição da mídia. A escolha dos materiais considerou a importância e a relevância desse tema, que se mostra atual e mais do que necessário.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA FEMINILIDADE

As mulheres vêm sofrendo influências culturais de um patriarcado onde elas não podem ser felizes por completo se não tiverem a presença de um homem. O amor romântico é colocado como algo biológico e não uma construção social usada para continuar mantendo a mulher presa ao ambiente doméstico em um estado de subserviência. No século XIX, as mulheres passaram a ler, mesmo sem encorajamento de seus cônjuges, e logo começou a nascer, na indústria, romances em novelas, escritos para mulheres e por mulheres, surgindo assim a importância do amor conjugal. O casamento passou a projetar os desejos da vida burguesa, e assim a literatura "inventou" o amor burguês romântico. Essa enxurrada de romances deu asas ao imaginário da dona de casa, que ficava o dia inteiro no ambiente doméstico, ganhando sonhos e fantasias, apostando toda sua felicidade de vida num casamento por amor.

O desejo por casamentos por amor, que não excluía o erotismo dos cônjuges, começou a acontecer, mudando costumes e a visão do que seria um casamento feliz; o amor entrou em alta. Infelizmente, mesmo com a ascensão da mulher tanto na educação quanto no mercado de trabalho, ainda assim tem como pilar de felicidade única estar comprometida romanticamente com um homem, chegando a passar por cima de sua identidade, autonomia e sonhos para ter "um amor de Hollywood", enquanto os homens são ensinados a ter uma vida com projetos e aspirações. As mulheres são ensinadas a querer um príncipe desde muito pequenas e aceitar o sapo caso esse príncipe não exista e o castelo seja somente uma masmorra (Kehl, 2007).

Quando o lar perdeu sua posição, que era a de fonte única de alimentação, vestimenta e outros itens essenciais, ele deixou de ser o centro da existência do homem; transformou-se em mera obrigação social, de resto dispendiosa. Os vínculos de um marido, em relação à sua esposa e sua dona de casa, deixaram de ser os de sobrevivência pessoal e de cooperação para ser os de dominação. Assim, os maridos se tornaram ausentes da vida familiar. Não valorizavam as esposas e tinham muito pouco contato com elas (Lins, 2012, p. 87).

No período homérico, o trabalho ligado à mulher, sendo o doméstico, tinha mais valor, já que era ela quem plantava e colhia os alimentos. Nesse ambiente, produziam até suas roupas, então a mulher tinha sua importância. Com o surgimento das cidades-estado e a formação de manufaturas, o ambiente doméstico perdeu seu brilho

e as mulheres, donas de casa, foram rebaixadas e presas a atividades vistas como menos importantes, o que infelizmente se estende até os dias atuais. As mulheres, durante muito tempo, precisaram ser sustentadas seja pelo pai ou pelo marido, mas hoje fazem parte do mercado de trabalho remunerado, uma aquisição de liberdade. Com os grandes conflitos do começo do século XX, a emergência de mão de obra fez com que elas, o segundo sexo, ingressassem no mercado, mesmo sendo boicotadas pelo sistema, ganhando menos nos mesmos cargos e profissões que os homens, mesmo tendo mais estudos que eles. Mas os afazeres domésticos continuam presentes, fazendo-as seguir uma dupla jornada de trabalho. O trabalho doméstico é visto como um estágio pré-capitalista, recebendo um olhar irrelevante para a transformação da sociedade. Por ser um trabalho não remunerado, não é visto como um trabalho de fato, mesmo envolvendo tempo, energia e sofrimento. O trabalho doméstico serve à mão de obra para que os homens possam ter um salário, mais do que isso, cuidar das crianças que brevemente serão as novas mãos de obra. Esse trabalho, que recai sobre a mulher, não muda quando ela consegue um emprego onde é paga pelo seu serviço. O mito de que é da essência da feminilidade que a mulher seja biologicamente predisposta aos afazeres domésticos é prejudicial, refletindo-se até mesmo na vida profissional (Federici, 2021).

Apesar de a mulher ter saído da caixa da "feminilidade" ao fazer algo "masculino", os homens pouco têm saído dessa linha, não "ajudam" nas tarefas domésticas, mesmo coabitando a mesma residência. A mulher acaba fazendo tanto o papel dela quanto o do homem. Perdendo a necessidade do homem e do que o casamento podia proporcionar de vantajoso, nesse contexto de desvantagem, por que a mulher continua jogando todas as suas apostas de felicidade em um relacionamento amoroso, sempre à procura? Não aproveita sua solitude, sempre buscando ou idealizando um romance, em vez de simplesmente viver a vida, enquanto do outro lado eles estão mais preocupados em viver bem sem se importar com uma relação para se sentirem plenos? O momento atual passa por grandes transformações em todas as áreas, e nas relações não é diferente. Filósofos e historiadores vêm tentando entender a globalização e todo o vazio do relativismo que se instaurou.

O Pós-moderno, nomeação do recorte dos tempos atuais, é contemporâneo, nascido em uma cultura ocidental, vindo de crises de mentalidades revolucionárias, deixando de lado a esperança de conseguir uma transformação global do sistema, caminhando para uma sociedade mais individualista, influenciada pelo sistema

econômico neoliberal. Em uma época onde passou a não existir mais a verdade, e o pensar no coletivo passou a ser algo arcaico, as pessoas passaram a ter valor significativo ao de um eletrônico, sendo descartáveis como tudo no capitalismo (Ramos, 2011).

Bauman afirma que a contemporaneidade é instável, há uma relativização de valores, do "certo e do errado", fortemente marcada pela instabilidade da liquidez, refletindo os valores do mercado capitalista, com sua ilusão de liberdade de escolha. Numa sociedade onde foi estabelecida uma troca, da liberdade pela segurança, o homem teve que renunciar a alguns de seus instintos naturais, pensando em um bem coletivo maior. Hoje, o coletivo vem ficando em segundo plano, e o individualismo se sobressai no quesito de mais importante para a sociedade pós-moderna. Ele olha para a sociedade pós-moderna com um olhar crítico, notando os prós e contras nos paradigmas. Suas obras levam "líquido" nos títulos devido à água representar fluidez, pressa e movimento com mais facilidade e leveza (Bauman, 1998).

Outra característica pós-moderna é o consumo exagerado. O mercado oferece uma grande opção de produtos o tempo inteiro, com as mais diversas formas de publicidade incitando o consumo desnecessário, de coisas muitas vezes supérfluas. Por sua vez, as pessoas nesse contexto acabam internalizando e buscando a felicidade através do consumo, e o homem acaba repetindo a ideologia do Estado neoliberal de consumo para seus mais diversos relacionamentos, buscando nas pessoas o mesmo que busca nos produtos das prateleiras de mercados: algo útil, ou para saciar um desejo de consumir. As relações ganham uma forma utilitária, e assim como os produtos, podendo ser substituídas muito facilmente (Bauman, 1999).

E assim o ser humano busca satisfação pessoal, tratando as pessoas como objetos de mercado. E, como a lógica de consumo é um ciclo que não acaba, onde os produtos têm uma pequena durabilidade, os relacionamentos amorosos tendem a não durar com a perda da paixão, dando espaço para outra pessoa, uma mais útil. Podemos ver isso de forma mais concreta com os aplicativos de relacionamento, onde pessoas aparecem em "vitrines", e o aplicativo mostra diversos tipos de pessoas com grande "variedade", podendo ser comparado a aplicativos de comida ou até mesmo de roupas.

Nessa situação, como se encontra a mulher? Onde tudo é um produto, a mulher infelizmente não passa de um objeto, tendo um prazo de validade para ser amada, e, dependendo da raça e cor de pele, é menos valorizada por esse mercado. No livro "A

prateleira do Amor", Valeska Zanello descreve como as mulheres crescem querendo uma aprovação masculina dos homens, desejando ser escolhidas, e assim construindo uma autoestima deficiente, já que aprendem que só são desejáveis se tiverem alguém que as deseje. A ideia de prateleira do amor é uma forma de explicar como, dependendo do padrão estético, as mulheres ocupam lugares diferentes, algumas tendo vantagens, ficando na "frente", e outras "atrás". Esse ideal estético nada mais é do que ser jovem, branca, loira e magra. A prateleira é racista, e não há a discussão da solidão da mulher negra. E no final da prateleira estão as mulheres negras, velhas e indígenas.

É bastante curioso como a mídia gosta de passar a falsa ilusão de que as mulheres estão no poder, e que mandam na relação, quando na verdade nem mesmo com as ondas feministas do final do século XX, não mudou tanto assim. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, seu trabalho duplicou, tendo que atender às demandas domésticas e as do trabalho. É importante notar como o papel do homem foi se tornando ameno, onde nem mesmo sustentar a casa é algo mais visto como vital, mas, em contrapartida, não compartilha as tarefas domésticas juntamente com a esposa. Mulheres continuam dando tudo de si para estar em um relacionamento amoroso, mesmo que seja cansativo, mesmo estando inseridas numa realidade onde podem ser descartáveis. Elas continuam não sendo apenas as que se doam para nutrir o casamento, mas também se sacrificam, sua individualidade, e muitas vezes seus sonhos, para ter um companheiro ao lado.

O que estaria por trás dessa necessidade da mulher? Colocar todas suas expectativas de felicidade em um relacionamento amoroso, onde ela pode sair machucada, ao se doar tanto sem ser recíproca? É notória a diferença de mentalidade do homem para a mulher, enquanto o homem é ensinado a amar o mundo, a si mesmo e aproveitar o melhor da vida, a mulher é ensinada a amar os homens desde muito cedo. É intrigante que, mesmo com mudanças em certos setores da sociedade, as mulheres continuem diminuindo-se para estar em uma relação heterossexual, aceitando migalhas ou até mesmo estando em relacionamentos abusivos. A criação de meninos e meninas dentro do padrão de "feminilidade e masculinidade" influencia diretamente a vida desses indivíduos.

A feminilidade é imposta culturalmente, sendo algo ensinado. A feminilidade surge em um conjunto de ações e características atribuídas a todas as mulheres como algo naturalmente biológico. Esse conjunto de ideias, atribuído ao sexo feminino,

acaba levando todas a cumprir um destino como apenas geradoras de filhos. A feminilidade é criada para as mulheres pelos homens, para garantir privilégios masculinos, uma maneira de não apenas manter as mulheres submissas, mas também de restaurar e manter a masculinidade.

Nesse contexto, a sexualidade da mulher é uma ameaça ao homem e à masculinidade, sendo vista como algo complexo. Elas deveriam receber uma educação opressiva desde meninas, sendo ensinadas apenas aquilo que os homens quisessem que elas soubessem. Manter as mulheres reprimidas sexualmente era uma forma de mantê-las maleáveis dentro da sociedade, não gostando de sexo nem mesmo depois do casamento, e mostrando fragilidade e desproteção para despertar confiança e inflar o ego masculino. O medo de que qualquer mudança no mundo feminino pudesse afetar a estrutura familiar faz com que os discursos sobre o que é feminino e preferível para as mulheres não passem da ideia de um “eu ideal”, onde as idealizam como as mulheres deveriam ser, alienando-as em um lugar de puro objeto do outro (Kehl, 2008).

Por trás de uma paixão encontra-se uma construção social de que o “amor verdadeiro tudo suporta”. O amor romântico, romantizado e sacrificado demasiadamente nas relações conjugais, é passado como uma verdade absoluta. Assim, mulheres desde meninas sonham com um cavaleiro salvador em estilo medieval, acreditando ser somente completas com ele, enquanto para homens uma companheira ao seu lado não é o foco de sua felicidade, não possuindo a necessidade de estar em um relacionamento monogâmico para estar em seu estado perfeito de felicidade. A forma como Campagnaro usa Beauvoir juntamente com Marcela Lagarde, analisando o conceito de madrepósua sob a interpretação pela ontologia da construção da mulher de Beauvoir, mostra que o amor romântico vem a ser uma forma de manter a madrepósua servindo à sociedade e à grande estrutura capitalista e patriarcal, já que as mantém no lugar de submissão voluntária. Uma vez que o romantismo tem em seu pilar a vassalagem total para o outro, nunca para si (Beauvoir; 2016, Lagarde, 2005 *apud* Campagnaro, 2019, p. 44).

A desigualdade se intensifica, o que impede que as mulheres se tornem criadoras de si e do mundo ao seu redor. Posicionadas como o segundo sexo, as mulheres vivem como ser-para-o-outro, não se realizando por completo e dificilmente alcançando a expectativa que o outro (namorado, marido, companheiro) tem de si. Essa mulher, que vive para o outro, colocando-se

sempre à disposição para servir, é o que Marcela Lagarde (2005) conceitua como madrepresa (Campagnaro, 2019, p. 44).

As mulheres são influenciadas pela mídia e pela cultura. A mídia, juntamente com o amor romântico, vem moldando essa forma de viver. Na década de 50, havia várias revistas, uma delas sendo “O Jornal das Moças”, ensinando sempre como agradar o marido, e nunca sobre autocuidado para elas, mas voltado para o que os homens gostam. Hoje, com a cultura hollywoodiana, isso está mais sutil, mas não deixa de ter efeito.

INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Na mídia, vemos diversas vezes tutoriais de comportamentos sociais que passam despercebidos. Por estarem implícitos ou por já serem algo tão enraizado, questionar tais pensamentos acabam sendo difícil. Nos anos dourados, o *Jornal das Moças* era uma maneira de manter as mulheres informadas sobre coisas da moda, mas também de aprender dicas preciosas para o dia a dia, sempre com temas relacionados à vida doméstica, é claro, sempre voltados para as mulheres, e todas as revistas femininas com as mesmas temáticas. O *Jornal das Moças* era uma revista que aplaudia e incentivava os bons costumes da família tradicional brasileira, e considerava que a prioridade da vida das mulheres deveria ser o lar.

A revista, apesar de ser voltada para mulheres, passava pelas mãos dos mais diversos membros da família, incluindo homens e crianças. Nas matérias de comportamento, questões como, “como conquistar um homem” ou “como deve agir uma boa esposa” eram o carro-chefe. Outro grande atrativo eram as figuras de moda, com modelos norte-americanas e estrangeiras (Pinsky, 2014, p. 24).

Figura 1 – Imagem retirada de uma revista feminina do século XIX



Fonte: Pinsky, 2014.

É interessante observar que, até mesmo as mulheres em destaque no mundo artístico na época, algo que para a sociedade não era bem visto, passavam por um

processo de "ajuste" para que ficassem mais dentro dos conformes, destacando-se falas tradicionais do tipo:

“Eu seria capaz de abandonar o rádio pelo lar” (declarou Julie Joy, 09.05.1957).

“Antes de sua carreira está a felicidade do seu lar e a responsabilidade de ser mãe” (em matéria sobre Lídia Mattos, 16.05.1956).

É curioso como a visão da genialidade como algo biológico apareça também nas revistas, lembrando e incentivando as jovens, desde muito cedo, do dever de colocarem-se sempre à disposição do marido e dos filhos, deixando o seu “eu” sempre por último, onde até nos momentos livres de descanso, como ler uma revista, ainda estavam voltadas para seus deveres. O querer e a força vital da mulher estão entregues ao outro, no cuidado (Pinsky, 2014, p. 27).

Apesar das décadas, o público feminino continua sendo alimentado por conteúdos que giram em torno do homem, e nem mesmo as meninas estão livres dessas situações. No filme da Disney A Pequena Sereia, a Úrsula canta uma canção onde dá conselhos à jovem que está apaixonada:

“Terá sua aparência, seu belo rosto
E não subestime a importância da
Linguagem do corpo, hah

O homem abomina tagarelas
Garota caladinha ele adora
Se a mulher ficar falando, o dia inteiro fofocando
O homem se zanga, diz adeus e vai embora, não

Não vá querer jogar conversa fora
Que os homens fazem tudo pra evitar
Sabe quem é mais querida? É a garota retraída
E só as bem quietinhas vão casar”

Vemos que, até mesmo nos filmes infantis, a necessidade masculina é tão forte que não causa espanto a forma sexualizada das falas, que acaba induzindo à sexualização precoce. A falta de argumentação e o silenciamento feminino são aplaudidos como ideais, ressaltando que os homens gostam de mulheres quietinhas, e que essas seriam as premiadas para o casamento. Esse é ainda um discurso presente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo abordar sobre a construção social da feminilidade, o papel da mídia e o impacto do amor romântico na submissão feminina. Dessa forma, ao longo da abordagem, pôde-se perceber que a feminilidade, longe de ser uma característica inata, é algo que é construído socialmente e culturalmente, e isso garante a perpetuação dessa cultura masculina e da submissão da mulher.

Assim, a discussão procurou mostrar as representações do amor romântico na mídia e que impactos sociais e culturais isso têm. Dessa forma, a mídia cumpre parte de um papel, como uma ferramenta de controle social que colabora para manter a mulher sob controle, numa posição de submissão mesmo. Para além disso, fica evidente que essa construção cultural, além de prender a mulher, essa que permanece num papel de subalterna, acaba aprisionando-a e reforça os papéis de gênero que foram socialmente definidos. Como resultado disso, as mulheres permanecem longe de uma autonomia plena.

Dessa forma, temas futuros como os que abordem sobre as relações sociais e de que forma as redes sociais, por exemplo, enxergam essas, podem ser temas a serem debatidos.

Portanto, o artigo busca contribuir para uma reflexão profunda sobre esses desdobramentos sociais e em como esses temas ainda hoje estão presentes na sociedade e podem ser debatidos a fim de solucionar os problemas relacionados aos papéis de gênero, esses que foram definidos socialmente. O artigo também tem como objetivo debater como essa cultura patriarcal pode ser discutida e enfrentada, para que assim as mulheres possam viver enfim uma autonomia que deveria lhe pertencer

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CAMPAGNARO, Sara. **Mulheres e a madreesposa que há em nós**: a dedicação para o amor romântico. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, 2019.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor, volume I** [recurso eletrônico]: da Pré-história à Renascença. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Thiago Figueiredo Dantas. **Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.